

Mulheres do fim do mundo: uma análise das trajetórias das personagens femininas em Corpos secos, de Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natália Borges Polezzo e Samir Machado de Machado

Alice de Araujo Nascimento Pereira¹

Eduardo Viveiro de Castro e Débora Danowski argumentam no livro de ensaios *Há um mundo por vir?* que devido à gravidade da atual crise ambiental e civilizacional, proliferam e renovam-se variações em torno de uma velha ideia do “fim do mundo” (2014, p. 11). Esse pessimismo quase endêmico encontra uma válvula de escape em um número continuamente crescente de narrativas (pós)apocalípticas. Foi depois do século XVIII, com o advento da modernidade, que o apocalipse mudou de suas origens como a história da aniquilação de um mundo humano pecaminoso para se tornar, em forma de romance, a história do colapso da própria modernidade e nesse sentido, os textos mais recentes lamentam esse colapso ou se refugiam em fantasias do pré-moderno, embora outros sigam na direção contrária, reafirmando a força da modernidade sugerindo que os relatos de sua morte teriam sido muito exagerados (Hicks, 2016, p. 2). Além de um marco temporal, convém definir o que abrange esse termo. Para Hicks, o termo modernidade equivale não somente ao capitalismo como sistema global que governa as relações econômicas, políticas e sociais, mas também se refere a um conjunto de condições como urbanização, desenvolvimento técnico-científico, mídia de massas e a forma que tem a burocracia estatal (2016, p. 9-10).

Entretanto, a modernidade não deve ser restrita a uma concepção homogênea, estática e totalizante. Como podemos falar de modernidade no sul global, onde tantas das benesses dos avanços sociais, tecnológicos e científicos que ela teria permitido são deficitários, desigualmente distribuídos ou simplesmente inalcançáveis? Além disso, que ocorre nessas narrativas com os alicerces sociopolíticos estruturantes dessa modernidade, tais como racismo, misoginia e outras formas de intolerância e opressão?

Primeiramente, cabe ponderar acerca do significado da própria palavra apocalíptico e que implicações e nuances ela carrega. Quando se fala em apocalíptico, imediatamente associamos a imagens de devastação e morte. Em geral, a tendência secular desse gênero na atualidade faz com que a causa dessas catástrofes ficcionais sejam de responsabilidade direta ou indireta da própria humanidade ou que contorná-la seja quase impossível por conta das

¹ Alice Pereira possui graduação em Inglês/literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa também pela UERJ e é Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense. É professora de inglês no Instituto Federal Fluminense - campus Macaé desde 2014. Participa do grupo de pesquisa "Distopia e Contemporaneidade" e também do grupo Educação, Raça, Gênero e Territorialidade - GERAGENTE, do IFCE.

suas características historicamente contingentes, tais como negacionismo científico, negligência estatal ou sede de lucro das elites. Uma das personagens do romance que vamos analisar expressa sua indignação e raiva ao refletir sobre o papel da humanidade em sua própria derrocada: “nunca me ocorreu que o que acabaria seria a humanidade, essa praga. Era tão óbvio. O planeta continua. O planeta é maravilhoso, inteligente, vai se recuperar muito bem. A gente se mata. Caralho como a gente pode ser tão podre?” (Geisler et al, p. 35). O fim do mundo e o fim da humanidade como espécie não são equivalentes.

Ainda assim, embora muitos desses textos extrapolem os resultados sombrios que provavelmente serão produzidos pelas tendências contemporâneas, eles também não são estritamente negativos, imaginando novas formas pelas quais a vida pode tomar forma após a destruição da modernidade (Hicks, 2016, p. 9). Se a Bíblia fala que o apocalipse marca o final de uma vida de erros e do julgamento dos injustos, também guarda em si o anseio por recomeço. Da mesma forma, histórias pós-apocalípticas são histórias sobre recomeços, sobre novas chances, remetendo a uma oportunidade de reiniciar do zero e construir algo melhor (Pereira, 2021, p. 111-112). Essa oportunidade, porém, é embevecida em contradições e sofrimento. Debruçamos-nos então sobre uma dessas narrativas, uma ficção pós-apocalíptica brasileira, que nos abre porta para elaborações sobre o gênero no cenário nacional.

Corpos secos: um romance é uma narrativa pós-apocalíptica zumbi ambientada no Brasil, escrita a oito mãos por Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natália Borges Polesso e Samir Machado de Machado e publicado em 2020. Os capítulos se alternam ao focar em quatro personagens que vivenciam uma pandemia em que os contaminados se tornam semelhantes a mortos-vivos e em pouco tempo o país é totalmente devastado. Restam poucos locais seguros, dentre eles a cidade de Florianópolis, onde os personagens tentarão chegar. Suas jornadas formam um mosaico do cenário devastador após uma doença mortal transformar quem é contaminado em mortos-vivos. São eles: Regina, esposa de um rico fazendeiro no centro-oeste, que enfrenta percalços terríveis na tentativa de se salvar; Murilo, uma criança que viaja com sua família e seu peixe de estimação; Constância, uma engenheira determinada e pragmática, que junto a seu irmão busca a casa da mãe; e por último, Matheus, um jovem que foi contaminado, porém se mantém imune e pode ser chave fundamental para encontrar a cura para a doença avassaladora. O romance traz elementos típicos da ficção de gênero pós-apocalíptico, incluindo bandos esfarrapados de sobreviventes; ambientes urbanos degradados; tecnologias extintas; busca desesperada; anseio pungente por uma civilização perdida e violência extrema (Hicks, 2016, p. 6), mas em meio a isso, traz elementos do cenário brasileiro que a distinguem de outros exemplos do gênero.

Frequentemente associamos a figura do morto-vivo ao zumbi, palavra é mais associada aos filmes e quadrinhos de terror estadunidense, porém esse termo não aparece no romance. É um traço interessante da brasilidade presente no livro ao nomear esses seres limítrofes de corpos secos: tal recurso de brasilidade proporciona ao leitor uma retomada aos aspectos socioculturais e históricos advindos do folclore brasileiro (Bitencourt, 2022, p. 66-67). Essa nomenclatura tem a seguinte origem:

O destino do Corpo-Seco é sem igual: um homem que viveu fazendo o mal e não respeitou nem a própria mãe, e que, ao morrer, ninguém quis saber dele. Nem Deus, nem o Diabo, nem a terra, nem os vermes, nem mesmo os abutres. Para cumprir uma terrível sina, o Corpo-Seco levanta-se de sua tumba, já diminuído, cheio de restos de terra podre pelo corpo, com a pele inteira enrugada sobre os ossos, e sai para assombrar os seres humanos na calada da noite – especialmente no período da Quaresma ou nas noites de Sexta-Feira Santa, do calendário cristão -, gritando e ensurdecendo a todos. (Alves, 2017, p. 118 *apud* Bitencourt, 2022, p. 69)

O Corpo-Seco, então, por consequência de seus atos hostis, tornou-se um ser, de certa maneira, desterritorializado (Bitencourt, 2022, p. 66-67), sendo um condenado a vagar sem destino adequado. Já o termo zumbi se referia aos mortos reanimados por um xamã vodu e era uma nomenclatura carregada de racismo colonial, que associava uma religião não-cristã ao mal e a perversão. As obras cinematográficas que conhecemos hoje em dia se espelham bastante no filme *A noite dos mortos-vivos* de George Romero, lançado em 1968. Embora a ideia de que mortos reanimados são zumbis já estivesse cristalizada no imaginário da audiência de terror da época, mesmo que não fossem controlados por forças sobrenaturais, Romero rejeitou o termo inicialmente (Pereira, 2021, p. 109).

No romance em questão, a motivação para a doença é bem mais mundana e particularmente associada ao contexto brasileiro: o contato com agrotóxicos. “O vírus pode ser transmitido pelo contato direto com os agrotóxicos da marca AgroTechBrazil, como Gliforan, Tricosato e Temercatina” (Geisler, et, al, 2020, p. 31). Vale ressaltar que no Brasil mais de 3 mil agrotóxicos tem permissão para uso, comercialização, produção e importação, alguns proibidos em outras partes do mundo e cujos efeitos para saúde humana e para o meio ambiente são altamente danosas. É frequente ouvirmos que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Isso provavelmente ocorre porque a velocidade e as diversas maneiras pelas quais o capitalismo explora e degrada a natureza nos levarão a um cataclisma mais rápido do que nossa capacidade de superá-lo, como o romance sugere.

Como é comum no gênero, o processo de dissolução do tecido social é rápido, já se inicia com a seguinte frase: “No princípio era o caos e a urgência; vieram então as semanas do

medo, mergulhando aos poucos num silêncio moribundo; reina agora a paz da cidade morta” (Geisler et al, 2020, p. 7). As distopias pós-apocalípticas: não se pautam na abundância do princípio de ordenação ou lei, mas à sua ausência abrupta (Rosenfeld, 2021, p. 66), apresentando sociedades fundamentalmente fragmentadas e onde as condições de vida são duras e extremamente precárias. No enredo, não há mais governo central e o que resta são alguns pontos militarizados, restando pequenos grupos de sobreviventes se dirigem à Florianópolis, cidade que por ser numa ilha, conseguiu se manter a parte dos acontecimentos do continente. O pós-apocalipse geralmente retrata uma paisagem social pontuada por pequenas comunidades que aderem a várias micronarrativas. Nessas visões, o resultado não é a libertação, “mas sim uma profunda incerteza na ausência de quaisquer pontos de consenso sobre os quais a troca social possa ser baseada com segurança” (Hicks, 2016, p. 8). Ao longo do romance, os narradores-personagens cruzam com diversos desses bandos e cada um retrata visões distintas sobre o que está ocorrendo e sobre como se portar diante daquilo.

O cenário caótico, porém, é pano de fundo para diferentes relações e experiências. Ao cruzarem a cidade do Rio de Janeiro e se depararem com corpos secos vagando e tudo vazio, Mateus reflete: “Não existe mais país, e é difícil se acostumar aquela sensação, de uma ausência intangível provocada pelo fim das regras mais básicas de civilidade.” (Geisler et al, 2020, p. 150). Há certa ironia na descrição da paisagem apocalíptica quando esta se localiza no sul global, onde as condições de vida já são mais precarizadas. Uma das personagens observa: “a paisagem da cidade é de pontes inacabadas, lixo em terrenos baldios, casebres pela metade, outdoors rasgados. Ela não sabe se é efeito da catástrofe ou se o Rio de Janeiro sempre foi assim” (Geisler et al, 2020, p. 158). Ou seja, nos países mais ricos, o contraste entre o antes e depois do evento apocalíptico é bem mais perceptível no espaço em que se vive, enquanto na periferia do capitalismo já vimos e transitamos em locais lúgubres e decadentes, independente do Juízo Final.

Outro viés relevante na narrativa é como a experiência da desagregação repentina é vivida por diferentes grupos sociais. Que aspectos concernentes às suas particularidades são perpetuados ou abolidos e de que maneiras? A polifonia da narrativa nos convida a vislumbrar essa sociedade em ruínas a partir de diferentes perspectivas, retratando como homens, mulheres e crianças são afetados de maneiras distintas pelos desdobramentos drásticos da pandemia. Iremos analisar as trajetórias de algumas personagens femininas no romance e como ficam as relações de gênero nesse contexto conturbado.

Homens e mulheres desempenham papéis distintos na sociedade não pelas diferenças biológicas ou anatômicas, mas por conta do sistema de gênero que fomenta uma divisão

binária e hierarquicamente organizada entre eles, negando inclusive a possibilidade de outros gêneros. Enquanto os homens são vistos como racionais, grosseiros e fortes, as mulheres são tidas como emotivas, sensíveis e passivas. As mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas, ligadas ao espaço privado, enquanto os homens tomam as decisões que dirigem a própria sociedade, ligados ao espaço público. Desse modo, as mulheres são colocadas como inferiores aos homens, justificando assim sua subjugação por eles tendo por efeito colocar as mulheres em permanente estado de dependência simbólica (Bourdieu, 2010, p. 82) assim como política e econômica. Chamamos isso de patriarcado. Para Joan Scott: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma fórmula primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Essas relações assimétricas de poder possibilitaram, criaram e reforçaram formas de diferentes formas de exploração. Nesse sentido:

A categorização hierárquica das faculdades humanas e a identificação das mulheres com uma concepção degradada da realidade corporal foi historicamente instrumental para a consolidação do poder patriarcal e para a exploração masculina do trabalho feminino [...] os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino [...] as mulheres constituíram os principais objetivos – lugares privilegiados – para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder (Federici, 2017, p. 36-37).

Além disso, o gênero é uma nomenclatura teórica que sublinha a incapacidade anterior de explicar e discutir as persistentes desigualdades entre homens e mulheres (Scott, p. 85). Ou ainda, podemos dizer que o gênero funciona “como um crivo através do qual o mundo é apreendido pelo sujeito” (Saffioti; Almeida, 1995, p. 23), constituindo, então, uma lente pela qual se enxergaria os outros e o mundo. No entanto, é importante ressaltar que ainda que as relações de gênero tenham traduzido frequentemente, até o presente, a supremacia masculina, configurando o sistema patriarcal, este se realiza em graus diferentes e de formas distintas, conforme o período histórico (Saffioti; Almeida, 1995, p. 17). O patriarcado não seria um sistema trans-histórico homogêneo e hermético, está sujeito às dinâmicas dos processos históricos e culturais, bem como imbricado com relações de classe, sexualidade e raça..

O patriarcado não está imbricado somente nas relações pessoais, familiares ou de trabalho, ele é estrutural e estruturante na sociedade, presente na economia, na cultura, na linguagem e na política. Vários governos autoritários em diferentes momentos históricos e em contextos variados criaram leis para exercer controle sobre os corpos das mulheres, mesmo quando não havia necessariamente um efeito prático para tal: é o próprio exercício desse poder que foi considerado masculino e por isso, precisava exercer controle sobre as mulheres

(Scott, 1995, p. 91). No entanto, em circunstâncias em que as formas institucionais da política foram obliteradas, como esse poder é concebido e como é ser exercido ainda? E que instrumentos as mulheres dispõe para se contrapor a ele? Analisemos então algumas das personagens do romance e como algumas dessas indagações são tratadas nele.

Regina é uma mulher de classe alta casada com dono de terras, que vivia confortavelmente em uma fazenda no centro-oeste, onde dispunha de empregados e sem necessidade de exercer nenhuma forma de trabalho remunerado. Certo dia ao acordar, fica indignada ao perceber que os empregados da fazenda foram embora no meio da noite enquanto ela dormia entorpecida de calmantes. Em um instante, tudo muda completamente. O local é tomado pelos corpos secos, mas ela consegue escapar com um funcionário e duas meninas filhas de um empregado: a mais velha chamada Valéria e uma mais nova que Regina sequer sabe o nome e trata somente por “Coisinha”. Eles dirigem por vários dias, porém em uma emboscada na estrada, o funcionário é morto e ela e as meninas se desencontram. Ela vai parar em outra fazenda onde o dono, chamado doutor Eduardo, agrupa corpos secos em um curral com uma cerca elétrica com intuito de torrá-los e moê-los para alimentar o gado. Lá ela encontra Valéria e Coisinha novamente. Além disso, ele aprisiona meninas de menos de oito anos de idade para que ele e seus funcionários pudessem abusar sexualmente delas e chega a propor a Regina que o ajude a domesticá-las. Quando tenta fugir ela é aprisionada e também acaba como escrava sexual. Após um tempo, com a ajuda das meninas, ela consegue matar seus algozes e escapar. As meninas formam uma horda violenta e desordenada, se vingando daqueles que as aprisionaram. Em dado momento, Regina narra: “o dr. Eduardo despenca perto da cerca, as maiores vão até ele e o puxam pelos cabelos. O homem chora. A primeira enfia uma faca de cozinha na barriga dele, outra arranca sua calça” (Geisler et al, 2020, p. 147). Regina entra no carro e vai embora, as meninas não vão acompanhá-la: elas tomaram conta daquele espaço e nós, leitores, ficamos sem um desfecho pra elas.

Apesar do sofrimento e violência a qual é submetida, ela se agarra a vida de todas as formas possíveis. A violência sobre os corpos femininos como os de Regina e das meninas aprisionadas e abusadas afirma e reitera a assimetria de poder entre os sexos que o patriarcado naturaliza e perpetua. Porém é a ajuda mútua que consegue livrá-las daquelas circunstâncias humilhantes e perversas. Regina, no entanto, é uma sobrevivente, dirigindo-se ainda ferida ao Rio de Janeiro, grávida. Podemos afirmar que a sua classe havia protegido-a anteriormente de ser explorada daquela forma, porém numa realidade em que as distinções econômico-financeiras esvaíram-se de significado, ela ficou em posição vulnerável e nesse sentido a

única saída era a auto defesa através da violência. Ainda que a dissolução da modernidade consiga suavizar a questão de classe, ela não apaga as problemáticas da misoginia.

Outra personagem que narra sua história é Constância. Ela empreende a viagem com o irmão gêmeo, Conrado, e também o pai até a casa da mãe e depois em direção a Florianópolis. Ela que mantém uma visão mais pragmática, direta e decidida durante o caminho na tentativa de proteger o irmão. Ela insiste com a mãe que eles todos devem ir para Florianópolis, mas a mãe se recusa. A mulher parece desejar o retorno a ordem civilizacional o quanto antes, ainda que reconheça que a casa da mãe pareça apropriada. Quando o irmão é mordido, ele pula do carro em alta velocidade para evitar que a mate após a transformação completa. Constância segue sozinha até encontrar um grupo de mulheres que seguem a pé para ilha e que se ajuda mutuamente. No entanto, quanto mais perto chegam, mais surge medo sobre o que as espera ali. Embora todos dissessem que ali haveria segurança, não sabiam nada sobre como as coisas estava lá e a triagem feita antes da entrada, controlada por soldados armados, parecia hostil. Elas viram uma execução e uma delas chegou a entrar em pânico e perguntou: “E se isso de Florianópolis não for uma boa ideia? E se for uma armadilha? E se resolvem nos matar ali na frente, antes de entrar?” (Geisler et al, 2020, p. 182). A segurança que elas imaginam que encontrarão lá terá um preço, o retorno de uma ordenação social essencialmente masculina e falocêntrica, materializada pelo exército e sua ideologia baseada no uso da força. O romance se encerra com Constância tomando conta de Murilo, ambos órfãos, encarando a nova realidade, prestes a adentrar a ilha.

Dona Carmem, mãe de Constância e Conrado, é o tropo da curandeira, ou como a própria filha a chama, “bruxona”. Ao utilizar os vegetais e ervas do seu jardim, conseguiu se proteger dos corpos secos. Ela explica: “aquelas coisas sentem cheiro de alho e ervas e passam reto por aqui. Até olham mas logo vão embora” (Geisler et al, 2020,p. 73). Para ela, que se mantivera viva sozinha, aquela crise em breve passaria e bastava que eles ficassem ali em sua casa até que não houvesse mais perigo. Ela diz: “Esses bichos vão se esfarelar tudo e quem vai sobrar pra refazer as coisas? Alguém precisa ficar” (Geisler et al, 2020, p. 74). Carmem se irritou com os filhos e com o pai deles que queriam ir até Florianópolis. Ela considerava que a viagem era arriscada e que ali tinham tudo que precisavam. A partir do uso que ela faz da natureza ao seu redor que consegue criar condições de subsistência para si e para os seus e por isso mantém cinismo e impaciente com os filhos. Ela rompe inclusive com certo estereótipo maternal resignado e passivo ao confrontá-los sem meias-palavras: “vocês preferem o quê? Tentar sobreviver no caos. Me dá desgosto! De ter criado filhos burros” (Geisler et al, p. 77). Se por um lado, ela representa um modo de vida calcado na

simplicidade, na aprendizagem empírica, também parece querer negar uma realidade avassaladoramente complexa e imprevisível.

Outra parte do romance é centrada em Mateus, e nela, uma mulher se destaca: Tulipa. Ela é mulher negra e jovem que tem uma filha em São Luís. Agente da Polícia Federal que fica encarregada de levar Mateus em segurança pro Rio de Janeiro, onde eles devem ir até a base da Marinha e embarcar para Florianópolis, levando também todos os dados que foram coletados sobre a saúde de Mateus. Ela, no entanto, decide não seguir com ele para Florianópolis. Tulipa sofre um ferimento grave que pode ou não ser o início da contaminação. Por isso decide ir sozinha para São Luiz, onde está sua filha e diz para Mateus. Além disso, também Sandra, médica que chefiava a equipe que examinou Mateus, assume o papel de garantir sua segurança e de investigar as causas de sua imunidade. Temos uma inversão dos estereótipos esperados de histórias de aventura: são as mulheres que estão tomando as rédeas e tomando as decisões e Mateus tem um papel passivo de chave em potencial para compreensão sobre a doença. As duas mulheres são fundamentais na manutenção da esperança não só dentro da narrativa como para nós, leitores. Seus papéis são decisórios e decisivos não por estarem no locus de cuidado, mas por fazerem escolhas e tomarem atitudes racionais, dirigindo um processo de interesse coletivo.

A mãe de Murilo também é uma personagem importante, embora não tenhamos a perspectiva dela, mas do próprio Murilo. Eles moram na fronteira ao sul do país em uma vila militar mas fogem quando a situação se torna insustentável. Eventualmente, Murilo, a mãe dele e um bebê, Lulu, encontram um grupo de sobreviventes a quem se juntam. Esse encontro primeiramente é tenso, já que eles são surpreendidos com alguns desse grupo apontando armas. Eles seguem com o grupo durante um tempo, algumas pessoas morrem e outras se aproximam. O processo de amadurecimento de Murilo pelas condições é reiterado pelo número de vezes em que ele repete “Eu não sou mais criança” e pelos aprendizados que o menino precisa internalizar e colocar em prática para garantir sua sobrevivência e a do grupo.

Em dado momento a mãe de Murilo quer seguir pelo litoral, mas o líder do bando, Gustavo quer ir pelas rodovias. Então a mãe dele empreende uma nova rodada de negociações, oferecendo os conteúdos das mochilas deles, dinheiro e ela mesma, porém o que é aceito é o bebê, o que deixa Murilo confuso, mas ele entende que a prioridade dela era garantir que eles tivessem mais chances de sobreviver, e diz: “ela me olha. Pela primeira vez, sei que a mãe sabe tanto quanto eu” (Giesler et al, p. 171). O mito da mãe onisciente cai por terra e para a criança esse talvez seja um dos passos mais importantes na construção de sua própria identidade. Depois disso, quando eles ficam andando sozinhos, a mãe começa a tentar

transmitir vários conhecimentos: conta sua própria história de vida e também fala sobre aspectos fisiológicos da vida, ela diz: “Você precisa aprender essas coisas, Murilo. Isso é da natureza humana”. Nesse ínterim ela não assume apenas o papel de cuidadora, mas de alguém que irá transmitir conhecimento oralmente, como se fosse a anciã de uma tribo, porém o que ela transmite são alguns conhecimentos científicos, sobre vitaminas, ciclo reprodutivo feminino e também “de macronutrientes, vitaminas, ciclos e mais ciclos” (p. 173). Nesse sentido, podemos inferir que parte do que é possível e desejável de ser salvo da modernidade é o que sabemos sobre os ciclos da natureza que nos cerca e da qual somos parte. Talvez sugerindo que até aquele apocalipse pode ser fim de um ciclo e início de outro.

Ainda que a esperança possa parecer amplamente ausente de grande parte da ficção pós-apocalíptica, ela é, na verdade, codificada nas formas genéricas desses romances, não pelo caminhar da trama em si, mas pelo efeito causado aos leitores, cujo prazer é um vestígio da esperança de salvação outrora codificada na tradição apocalíptica cristã (Hicks, 2016, p. 21). Apesar dessa esperança latente, o desfecho da trama é aberto e os destinos de vários personagens permanecem em aberto. Concordamos com Rosenfeld que aponta duas tendências opostas e complementares: em uma, a falta de crença em finais significativos causa ansiedade, na outra, essa falta deixa em aberto possibilidades infinitas: enquanto a primeira é demasiadamente assustadora, na outra, o medo do fechamento leva a tentativas cada vez mais desesperadas de adiar o final inevitável (Rosenfeld, 2021, p. 67).

Porém, o lugar de inconstância e temores que permeia a vida das mulheres numa sociedade patriarcal capitalista nos coloca em uma posição mais ambígua em relação mundo pós-apocalíptico: ele pode aumentar riscos mas também abrir novas portas. As mulheres do fim do mundo desse romance são guardiãs e protetoras, ocupam espaços de decisão política e transmitem conhecimentos. Elas desconstroem e reafirmam paradigmas sobre maternidade e feminilidade. Se existe a possibilidade um novo mundo nascer a partir dos escombros deste, se deverá muito ao que as personagens conseguiram realizar, mesmo que nem todas tenham sobrevivido. E é fundamental para essas mulheres reconhecerem e desafiar as possibilidades e limitações que esses escombros guardam. Nesse sentido, a esperança é ambígua, mas persistente. Há, em todo espaço disfórico, uma necessidade de se criar uma perspectiva utópica e nessa obra, a perspectiva utópica encontra-se na fronteira de Florianópolis. Essa esperança também é constatada pelo leitor ao adentrar o ciclo narrativo de Mateus por sua resistência a doença (Bitencourt, 2022, p. 66).

As incertezas dessa esperança são expressas quando Mateus e Regina se encontram no veleiro que vai em direção ao sul: “Alguém perto deles lembra que o primeiro nome de

Florianópolis foi Desterro, e que nada seria mais adequado agora. Conforme o país ao redor vai morrendo, tudo o que há pela frente é o passado.” (Giesler et al, p.169), bem como nas mulheres que se sentem intimidadas pelos soldados quando estão próximas da ilha.

Se as narrativas de mortos-vivos têm uma mensagem a nos trazer é que acreditar em um vírus como nêmesis, como retaliação divina que pode corrigir os erros dos homens, é um erro. Não há soluções fáceis como uma catástrofe enviada por Deus ou pela Natureza que obrigue o ser humano a seguir o caminho do bom e do justo. Mudanças devem ser implementadas por nós mesmos (Pereira, 2021, p. 129)

Tais mudanças sistêmicas e radicais só podem ser empreendidas a partir de uma desconstrução dos paradigmas da modernidade que tem relegado às mulheres um papel secundário. Uma visão gendrada do pós-apocalíptico, pode, quem sabe, ter o poder de evitar sua sorrateira chegada.

REFERÊNCIAS

- Bitencourt, Fabrício Rezende. “A cidade de Florianópolis como lugar utópico em *Corpos secos*”. In: *Garrafa* v. 20 n 57 [revista eletrônica], 2022, p 62-72
- Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- Castro, Eduardo Viveiros; Danowski, Débora. *Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Bárbarie – Instituto Sociambiental, 2014.
- Federici, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- Geisler et al. *Corpos secos: um romance*. São Paulo: Alfaguara. 2020
- Hicks, Heather J. *The Post-Apocalyptic Novel in the Twenty-First Century: Modernity beyond Salvage*. Basingstoke, UK; Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- Saffioti, Heleieth; Almeida, Suely S. de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995
- Pereira, Valéria Sabrina. O que o pós-apocalipse zumbi tem a dizer sobre o novo normal?. Em: Cardoso, André; Dafton, Claudete; Sasse, Pedro. *Epidemias: literatura, história e cultura* [livro eletrônico]. Edições Makunaima. 2021, pp 106-130
- Rosenfeld, Aaron S. *Character and dystopia: the last man*. Londres e Nova York: Routledge. 2021
- Scott, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade* n. 20 vol. 2. Porto Alegre: editora da UFRGS. 1995, p. 71-98